

Crianças morrem por falta de remédio

Campo Grande — Nove crianças com idades entre três meses e quatro anos morreram nos últimos 10 dias no Hospital de Caridade de Corumbá (MS) por falta de tratamento. Segundo Ulisses Medeiros, diretor clínico do hospital, não há dinheiro para comprar antibióticos para pneumonia e infecção intestinal.

Medeiros está levantando as fichas de óbitos de adultos para saber se há relação com a falta de remédios. Segundo ele, o Hospital de Caridade de Corumbá, a 420 quilômetros de Campo Grande, enfrenta a pior crise financeira de sua história. Os pediatras também ameaçam pedir demissão revoltados com a situação do hospital.

Hoje apenas 10 dos 40 leitos no setor de pediatria do Hospital de

Caridade de Corumbá estão ocupados devido à falta de recursos.

Segundo o diretor, os pais desses 10 pacientes concordaram em comprar do próprio bolso os remédios necessários para o tratamento.

O hospital é particular, mas atende somente a clientela do Sistema Único de Saúde. Medeiros diz que, por ser particular, não tem direito a subsídios públicos — apenas ao pagamento do SUS.

A instituição recebe alguns remédios do estado, mas a lista não inclui antibióticos para tratamentos específicos, como o da pneumonia.

A Promotoria de Justiça de Defesa da Infância e Adolescência instaurou inquérito público para apurar as responsabilidades na morte dos nove menores. Tam-

bém a Promotoria de Meio Ambiente está com ação pública contra o hospital, exigindo uma série de providências quanto à higiene e ao lixo hospitalar, como informou a promotora Sara Francisco Ricarte.

INVESTIGAÇÃO

Uma equipe de auditores da Secretaria estadual de Saúde do Mato Grosso do Sul vai investigar a partir de hoje a situação do Hospital de Caridade de Corumbá.

“O relatório deve ficar pronto até sexta (amanhã)”, afirmou ontem o presidente da Central de Medicamentos (Ceme), do Ministério da Saúde, Renato Kleber Caldas de Carvalho, depois de entrar em contato com o secretário estadual de Saúde, Néelson Tavares.

Kleber ainda negou qualquer responsabilidade do governo federal no episódio. “A Ceme não distribui remédios para hospitais municipais. Ela passa os medicamentos às secretarias estaduais. É a secretaria estadual que tem capilaridade para fazer isso (repasso de remédios para as redes municipais)”, argumentou.

“O secretário de saúde do Mato Grosso do Sul até me disse que Corumbá era o município do estado que havia distribuído mais remédios”, confessou.

Como entidade filantrópica (particular), o Hospital de Caridade não recebe medicamentos da Ceme, mas pode comprá-los por via indireta. “Com o dinheiro das Autorizações de Internação Hospitalar”, disse Kleber, que recebe o relatório amanhã.